



Formação e educação: eis a questão!

Por Ezequiel Fernandes, presidente da Comissão de Inscrição da CTOC

A referência à necessidade de formação contínua, ou formação ao longo da vida, tem vindo a tornar-se recorrente. Esta evidência resulta da rápida evolução tecnológica que se tem verificado, especialmente no domínio das tecnologias e sistemas de informação.

Em todo o mundo, o domínio das tecnologias associadas aos meios de comunicação e informação passou para primeiro plano na definição das estratégias das empresas, das organizações e das políticas. O número de televisores, telefones, computadores por habitante, entre outros indicadores, passou a ser importante para aferir do nível de desenvolvimento de um país ou região. Neste contexto também o número de licenciados por habitante representa factor de desenvolvimento.

Contudo, para que o desenvolvimento se verifique, não basta que estes números aumentem por si só. Na produção de riqueza as ferramentas disponibilizadas apenas serão úteis se manipuladas adequadamente. Também o número de licenciados só produzirá efeitos positivos no desenvolvimento das economias se na base da sua formação e desempenho estiverem critérios exigentes.

Assim, constatamos que os elementos indispensáveis ao desenvolvimento económico nos nossos dias assentam num sistema de educação consistente, a começar na sua base mais elementar, tendo em conta as necessidades dos países nos diversos níveis, e numa formação profissional que facilite a actualização permanente em cada uma das especialidades. Só desta forma os actores do processo produtivo estarão capacitados para ler e interpretar adequadamente os sinais e as dinâmicas do meio envolvente e responder com um nível de desempenho eficaz.

Não se trata duma “moda”, nem sequer da desvalorização dum conhecimento técnico individual adquirido ao longo do tempo, em contexto de aplicação prática no velho método de aprendizagem

pelo erro. Essa experiência é importante, mas a rapidez e a evolução dos processos já não permitem ensaios, para além dos absolutamente necessários, sob pena dessas tentativas apenas servirem de tropeços nas relações económicas.

A comunicação exige uma identidade de registos, em ondas de frequência idênticas, onde os diferentes interesses se manifestem, partilhem as suas dúvidas e satisfaçam os seus objectivos. Nesse sentido, será necessário um esforço para realizar uma simbiose entre o «antes» e o «depois». Entre aquilo que era necessário e o que agora se tornou fundamental. Não compreender esta realidade é alienar o acumulado de experiências adquiridas ao longo da vida, é deixar cair a toalha e abdicar dos direitos de profissional reconhecido.

A outra face do problema do desenvolvimento vai buscar raízes ao sistema de educação. Não se resolve o analfabetismo entregando diplomas a quem não sabe ler. Desta forma, apenas se resolve um problema estatístico (ilusão), com ineficiência económica acrescida. Se o analfabetismo existe, há que ter a coragem para o admitir e tentar resolvê-lo. Pode demorar tempo e exigir esforço, mas os resultados ver-se-ão mais tarde.

A resolução dos problemas da economia e dos profissionais está para além de uma expressão numérica “palpável”. Os profissionais da contabilidade têm, muito apropriadamente, uma noção de «valores intangíveis» com significado para as entidades económicas. A qualidade, como a saúde, é um valor cujo nível só é realmente apercebido na sua falta. A qualidade das organizações reflecte a das pessoas que dela fazem parte. Constrói-se tendo na base fundamentos firmes, consolidados pela experiência e flexibilidade na absorção dos impactos do mercado. E o padrão de exigência dos mercados globalizados não diminuiu, antes pelo contrário, introduziu novos factores onde o conhecimento constitui um capital de extrema importância. ■